

Estatuetas e prótomos em espaços sagrados de Atena, em Gela e Lindos, do Período Arcaico¹

Felipe Leonardo Ferreira*

FERREIRA, F.L. Estatuetas e prótomos em espaços sagrados de Atena, em Gela e Lindos, do Período Arcaico. R. Museu Arq. Etn. 35: 44-68, 2020.

Resumo: A formação da pólis foi um processo que se deu ao longo do Período Arcaico em vários movimentos articulados às transformações sociais do final da Idade do Ferro. A religião foi um dos elementos estruturantes de muitas dessas comunidades nascentes, sendo bem atestada a concentração de oferendas em locais públicos sagrados que, posteriormente, dariam vida aos santuários, em detrimento da imobilização da riqueza em túmulos suntuosos, individuais ou até coletivos. A partir do século VIII a.C. também percebemos na materialidade certas inovações tais quais a construção de templos como edifícios para o abrigo da imagem de culto, a morada do deus. O movimento de expansão grega, que ganhou grande expressão em época arcaica com a fundação de *apoikiai* ao longo dos mares Mediterrâneo e Negro, também colaborou com a consolidação das pólis na Grécia Balcânica e Egeia. Os fundadores levavam consigo a cultura e o modo de construir seu mundo material, inclusive seus deuses, porém as especificidades de cada localidade tendiam a dar contornos novos às práticas religiosas. Nesse contexto, analisamos dois tipos de oferendas, prótomos e estatuetas de terracota, em fundações siciliotas e suas metrópoles, para tentarmos discernir semelhanças e adaptações que apontem possíveis mudanças sociais ou culturais nas novas comunidades que se formavam.

Palavras-chave: Mundo grego; Sicília; Rodes; Terracotas votivas; Atena.

Arqueologia de culto: uma breve introdução

Por muito tempo a investigação dos locais sagrados com vistas ao entendimento das ações religiosas ali praticadas foram relegadas a um segundo

plano, pela concepção dos pesquisadores de que o grau de complexidade das questões era tão grande que a cultura material sozinha não daria conta de explicar. Especialmente os historiadores, mas também os arqueólogos, mesmo resguardando a subjetividade e as características interpretativas de cada fonte documental, argumentavam que os dados materiais não eram obtidos de forma tão direta quanto os da fonte literária e que o nível de subjetividade que a prática religiosa envolvia seria inacessível à documentação arqueológica. Assim,

* Mestrando em Arqueologia, pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP).

¹ O presente artigo tem por fim ampliar a apresentação realizada na VI Semana Internacional de Arqueologia - Discentes - MAE - USP, em 2019, na medida do possível acolhendo as sugestões, críticas e questões levantadas durante a mesa e o evento em si.

arqueólogos processualistas como K. Flannery, trabalhando na Mesoamérica, e C. Renfrew, no Mediterrâneo contestavam, já nos anos 1970, a avaliação epifenomênica da religião, do ritual ou da arte. Ambos reconheciam que no cotidiano das sociedades pré-modernas, a esfera religiosa, por exemplo, encontra-se profundamente mesclada ao conjunto de ações voltadas para a subsistência, a definição do poder, a estruturação das relações sociais e tudo o mais que embasa o processo histórico e que o universo simbólico socialmente construído a partir do exercício das atividades relativas ao sagrado é um componente essencial na vida de qualquer grupo humano (Hirata 2010:16).

Na realidade esse campo de estudo – o que podemos chamar, adotando a terminologia de Colin Renfrew (1985), de “arqueologia do culto” – demandava uma teoria e métodos específicos para uma abordagem mais efetiva e precisa.

O arqueólogo Christopher Hawkes (1954: 23-24), estabelece, na metade do século XX, uma escala de dificuldades na inferência da construção da interpretação arqueológica a partir dos dados empíricos, nesse sentido, seria menos complicado acessar aspectos tecnológicos e econômicos do que aqueles referentes ao universo simbólico ou da vida espiritual. Colin Renfrew, o importante arqueólogo e teórico da arqueologia, critica Hawkes e preconiza ser possível estudar os modos de pensamento do passado por meio da cultura material, desde que se embasando no que ele chama de “arqueologia cognitiva”, ou seja, a partir da constituição de modelos analíticos voltados a essa dimensão da vida social. Segundo o autor, as pessoas portariam mapas cognitivos do mundo, com os quais dão sentido ao que lhes cercam, e o fazem por meio de símbolos e significados que estão interligados à cultura material em que estão imersas. Pensamentos, ações e intenções humanas estão concretizados na materialidade da cultura em que vivem (Renfrew & Bahn 1991: 340).

Para o estudo das práticas religiosas no mundo grego temos algumas vantagens, dado que a valorização e a eleição da Grécia como

berço da civilização ocidental, desde o projeto imperialista do mundo europeu no século XIX, incentivaram uma atividade de pesquisa ampla e continuada. Muito conhecimento já foi produzido, possibilitando a estudiosos de todo o mundo a oportunidade de refletirem em um esforço conjunto de entendimento dessas questões. A tradução e a divulgação de diversos tipos de fontes, como a epigráfica e a literária, colaboraram, juntamente com os avanços nas reflexões sobre os vestígios materiais, para a formação de um cabedal robusto de dados para enfrentar problemas antigos e novos, como a questão da materialidade das práticas religiosas. A quantidade de fontes materiais relacionadas à religião grega é ampla e diversificada, indo desde representações iconográficas em moedas, na cerâmica, remanescentes arquitetônicos até vestígios de sacrifícios, plantas de espaços sagrados, e uma enorme quantidade de artefatos em metal, terracota e mármore.

Flannery defende que quanto maior o grau de complexidade na estruturação de uma sociedade, maior seria a necessidade de refinamento no processamento de informações e de comunicação entre as pessoas, sendo mecanismos tão importantes quanto a obtenção de alimentos ou a construção de abrigos. Os aspectos religiosos, rituais e ideológicos seriam peças-chave na estruturação, na organização e no funcionamento dos grupos humanos, destacando que os rituais, religiosos ou não, seriam centrais nas relações sociais e no modo como lidavam com o ambiente a sua volta (Flannery 1994: 399-342). O mundo grego antigo abrigava sociedades que progressivamente iam construindo redes complexas de relações sociais, políticas e econômicas, e a religião estava presente em todos esses níveis de interação humana.

O conceito de religião, por outro lado, varia em relação ao ponto de vista de cada pesquisador. Colin Renfrew apresenta algumas posições de destaque nesse estudo:

“Uma religião é um sistema unificado de práticas e práticas relativas a coisas sagradas que, digamos, são separadas e proibidas – crenças e práticas que unem

uma única comunidade religiosa chamada Igreja, todos aqueles que a ela aderem” (Durkheim, 1915, 47). Geertz (1966, 4) de fato oferece uma definição de religião que consegue evitar tanto o conceito do sobrenatural quanto de uma igreja ou instituição: “um sistema de símbolos que age para estabelecer estados de ânimo e motivações poderosas, penetrantes e duradouras nos homens, formulando concepções de uma ordem geral de existência, e vestindo essas concepções com tal aura de factualidade que os humores e motivações parecem singularmente realistas. Tal definição, entretanto, não nos permitiria distinguir entre crenças religiosas ou rituais e puramente seculares, por exemplo crenças e rituais pertencentes à realeza. A definição alternativa proposta por Spiro (1966, 96) parece muito preferível: “uma instituição que consiste em uma interação culturalmente padronizada com seres sobre-humanos culturalmente postulados” (Renfrew 1985: 12; tradução nossa).

O uso de postulados teóricos tem que estar assentado, naturalmente, na coleta e na análise de fontes documentais e Renfrew elenca os elementos além das próprias evidências de culto, que podem favorecer a percepção de crenças religiosas em um dado contexto arqueológico². As proposições de Renfrew, encontram certas limitações, já que ele atribui a dimensão simbólica apenas a artefatos estritamente ligados à religião e, hoje, acredita-se que toda a cultura material carregue também uma carga simbólica. No caso do mundo grego a separação entre sagrado e profano não era visível com nitidez na maioria dos casos: um objeto qualquer de cozinha, por

exemplo, ao ser consagrado a uma divindade passava a integrar a dimensão religiosa. As práticas rituais integravam profundamente a cultura e a sociedade, não havia sequer uma palavra para designar a esfera da religiosidade sendo o equivalente mais próximo os “costumes ancestrais” (Tabone 2017: 109-111).

Como sugere Custodio (2012: 24), alguns *marcadores* do religioso na materialidade propostos por Renfrew podem ser muito interessantes, resguardando a peculiaridade da cultura em análise: (1) os rituais, normalmente, acontecem em locais com características naturais distintas, como no alto de montanhas, próximo a cachoeiras, grutas, vales ou cavernas, ou em ambientes especificamente construídos para tal fim, como uma fossa sacrificial ou altares; (2) objetos, imagens ou performance durante os ritos podem ser exibidos publicamente ou no acionamento desses artifícios de conexão com as divindades em caráter restrito ou reservado, o que pode transparecer nas estruturas do local, como um recinto murado ou de acesso controlado; (3) instrumentos singulares específicos podem ser utilizados, assim como gestos mobilizados por praticantes ou agentes condutores do ato, não raro são usados instrumentos musicais, recipientes para bebidas mágico-religiosas ou não, mas também pães e bolos assados para aquele evento, em formatos variados. Oferendas de ampla diversidade também podem estar presentes, como terracotas e objetos em metal; (4) a presença repetida e frequente de símbolos, elementos antropomórficos ou não, que reiterem a presença do transcendente, deuses, heróis ou criaturas insólitas, a imagem de culto seja ela uma estátua ou apenas uma coluna ou representação sem muitos detalhes em madeira.

Em nosso estudo de caso, vamos focalizar alguns tipos de objetos em terracota – as estatuetas com representação de figuras femininas e os prótomos – e buscar interpretar sua presença, que ocorre de forma distinta, nos contextos sagrados em Gela – fundação helena na Sicília – e em Lindos, local de origem de parte dos gelenses.

2 a) Registro verbal, oral ou escrito, relativo às atividades religiosas da comunidade, ou elucidando o significado por ele atribuído às suas práticas religiosas; b) Observação direta de práticas de culto, envolvendo o uso de um campo expressivo, declarações vocais e de objetos e materiais simbólicos; c) Análise de registros não verbais, como representações, que documentam as próprias crenças, por exemplo, tratando de divindades ou seus eventos míticos; d) Estudo dos vestígios materiais de práticas de culto, incluindo estruturas e objetos simbólicos (Renfrew, 1985: 12, tradução nossa).

A terracota no mundo heleno

O termo “terracota” vem sendo usado, desde o Renascimento, para designar produtos em argila cozida – estatuetas, placas, pequenos altares, elementos de decoração arquitetônica, prótomos, máscaras – fabricados de acordo com um procedimento técnico que não utiliza verniz no acabamento, apenas pintura com cores vivas e variadas. Por outro lado, as temperaturas usadas no cozimento das peças não atingiam graus tão elevados quanto no caso de vasos cerâmicos. Outra diferença consiste na introdução intencional de vários tipos de antiplásticos – areia, pedrinhas, fragmentos de argila cozida que atuavam no intuito de evitar quebras, deformações comuns em peças modeladas. No caso dos vasos, que apresentam paredes de espessura regular, a contração durante o cozimento é uniforme, o que dificulta o aparecimento de rachaduras e trincas (Hirata 1995: 47).

É possível encontrar – dispersos pelos sítios helenos – artefatos de terracota que remontam ao período neolítico e continuam a ser produzidos até a época helenística. No período que nos interessa – séculos VIII a VI a.C., aproximadamente –, a fabricação de estatuetas de terracota é intensa, espalhando-se as oficinas pelas pólis que vão surgindo na Grécia Balcânica e Egeia e suas fundações no Mediterrâneo e no Mar Negro. No século VII a.C., a produção começa a se acentuar em Rodes, Samos, Éfeso, Ática, Corinto, Argos, Lacônia e no Ocidente grego (Higgins 1969: 10-11). Durante e até o encerrar do século VII a.C., as terracotas eram mais simples, exibindo as formas de mulheres ou animais, com pouca decoração, e não raro produzidas por artesãos de vasos. Surge e se expande a técnica da moldagem, o que favorecia a produção em massa e com mais riqueza de detalhes – muitas vezes os retoques eram feitos manualmente, após a peça ser retirada do molde. Na virada para o século VI a.C., aparecem as garrafinhas de perfume de terracota, tanto zoomórficas quanto antropomórficas. Por volta de 550 a.C.,

as dimensões das terracotas aumentaram e as figuras humanas completas apareceram. A pintura, como elemento decorativo, sobre o engobo branco, difundiu-se. Certas garrafinhas eram feitas sem o gargalo, o que as transformava em verdadeiras estatuetas (Higgins 1963: 14-16). Ecos da produção dessas garrafinhas podem ser percebidos em exemplares de estatuetas ródias do século VI a.C. (Fig. 1.)



Fig. 1. Duas estatuetas femininas, identificadas como representações de Afrodite segurando uma pomba, atributo da deusa. Com alturas de 25,4 cm e 26 cm. Datando de c. 540 a.C. Provenientes de Camiros na ilha de Rodes.

Fonte: Higgins (1963: 4).

O exemplar da direita possui, logo acima da cabeça, um vestígio do gargalo das garrafinhas de perfume já praticamente sem função.

A produção local das *apoikiai* ganhou força a partir c.500 a.C. Na Sicília, era comum

a confecção de terracotas arquitetônicas – usadas na decoração dos templos – por conta da inexistência do mármore. Em meados do século IV a.C., e em especial no período helenístico, as terracotas receberam muita influência da estatuária; sua presença em ambiente privado, de forma decorativa, tornou-se frequente, sobretudo na Grécia, sinalizando um afastamento de sua função religiosa, coisa que não aconteceu em concomitância nem com a mesma intensidade no mundo das *apoikiai*. A grande estatuária deu o tom, a interação era tanto estética quanto de significado, podendo inter-relacionar crenças religiosas, como pode ser visto nas figuras de “Afrodite com a pomba” (Fig. 1), frequentes no final do período arcaico, que eram praticamente cópias de Core áticas (Hirata 1978: 27-30).

“Ousarias comparar Fídias a um coroplasta?” (Isócrates, *De permutacione*, 15, 2, *apud* Hirata 1978: 72). Isócrates viveu entre 436 e 338 a.C., e nos dá algumas pistas sobre como os artesãos de terracotas eram vistos em seu tempo. Sua frase denota uma clara hierarquia em relação aos mestres da grande estatuária, que executavam suas obras como encomendas oficiais da pólis e os coroplastas, que atendiam também uma demanda de pessoas com menos recursos. Contudo, não podemos tomar a frase como regra absoluta na antiguidade. Na Sicília era muito comum os templos receberem métopas e demais elementos decorativos em terracota, pintadas em cores vivas e com adereços plásticos, o que acabou por se constituir em um estilo arquitetônico original.

O processo de produção e as funções das terracotas

As terracotas possuem resistência mecânica, todavia não atingem as propriedades típicas da cerâmica; uma das razões é a menor temperatura dos fornos em que são queimadas. Não se trata de falta de conhecimento profissional, é um traço característico da técnica e dos usos que as terracotas tinham, que eram variados e diferentes, cronológica e

geograficamente, distintos daqueles atribuídos ao material cerâmico.

A cerâmica, em boa parte dos casos, pode ser datada de forma mais segura e precisa, uma vez que a variação nos estilos da decoração, forma e mesmo técnicas de fabricação são bem conhecidos e foram amplamente estudados. Já a datação das terracotas não pode ser estimada da mesma maneira, pouco da decoração sobreviveu ao tempo, e mesmo suas características morfológicas são de seriação mais complexa. A moldagem era uma das técnicas mais difundidas e utilizadas, existindo uma ampla circulação desses moldes, o que viabilizava a continuidade da produção de um determinado modelo em outra região quando a de sua origem já havia alterado aquele estilo, inovado, ou dado outra função àquele objeto.

Também não se pode perder de vista as semelhanças para com a cerâmica: a matéria-prima é a argila, material abundante e de boa qualidade no mundo grego, muito mais simples e barato de ser adquirido do que os metais, o que barateava seu custo de produção. Com o método petrográfico, é possível estudar as características próprias de cada argila em relação a sua região de extração e com isso identificar a jazida de onde a matéria-prima foi recolhida. Possibilitando ao pesquisador traçar o caminho contrário da vida da peça.

Até o século VI a.C., possivelmente os próprios oleiros se ocupavam da produção de terracotas, o manuseio do conhecimento para tal estava já nas proximidades de seu ofício, além das ferramentas, espaço e prestígio entre seu público comprador. Há semelhanças no uso de elementos decorativos em vasos cerâmicos e terracotas da mesma época. As oficinas³ dos coroplastas também fabricavam outros objetos em argila como vasos miniaturísticos, lamparinas e pesos de tear (Hirata 1995: 47).

3 As oficinas compreendiam corredores para a secagem das peças ao ar livre, construções simples para o armazenamento de moldes, peças, material para pintura; um espaço para venda das peças, e para o trabalho em si. As instalações hidráulicas eram bem organizadas, compreendendo tanques para a lavagem da argila, sistema de escoamento da água, etc. (Hirata 1995: 47).

A confecção das peças poderia se dar de várias formas. O artesão poderia usar apenas suas mãos, ferramentas simples de detalhamento para criar cada objeto, com ou sem ajuda de um torno de oleiro (esse artifício nunca desapareceu) ou ainda pelo método da moldagem que teve ampla difusão após c.500 a.C. Em geral, apenas a parte frontal das estatuetas era moldada, o verso recebia apenas uma porção de argila e era alisado ou ficava sem acabamento no verso, o que lhe conferia um aspecto semelhante ao de uma máscara. É chamado relevo pleno quando a terracota era construída para ser vista em todos os lados, geralmente com 2 moldes (Higgins 1963: 10; Hirata 1995: 47-49).

A cerâmica era queimada em fornos cuja temperatura alcançava algo ao redor de 1000°C, daí sua alta resistência mecânica, impermeabilidade e preservação da decoração, que geralmente era realizada antes dessa etapa. Já as terracotas enfrentavam um ambiente de 750°C e, no máximo, 900°C e, para economizar tempo e combustível, normalmente eram queimadas em temperaturas bem mais baixas. O engobo (argila diluída) branco era aplicado antes da queima nas peças e em alguns casos ainda podemos visualizá-lo como vestígio, já a pintura era, frequentemente, posterior à queima, o que ajuda a explicar sua fragilidade no tempo. Algumas terracotas também eram decoradas antes de serem queimadas, do mesmo modo que os vasos de figuras negras e vermelhas (Higgins 1969: II, 6-7).

As funções dos artefatos em terracota variaram no espaço e no tempo: os locais de achado preferenciais eram as áreas sagradas e as sepulturas; apenas em época helenística aparecem com maior frequência em habitações. Eram a categoria de oferendas mais acessível à população em geral. Como ofertas votivas, especialmente voltadas às divindades femininas, são encontradas em grande quantidade em santuários por todo o mundo grego; como parte do mobiliário funerário, independentemente do sexo do morto, constituíam-se objetos mais comuns, como os vasos cerâmicos. A representação da figura feminina, temática predominante, poderia ser associada à

divindade, à fiel ou à sacerdotisa do culto. Quando um santuário ficava sobrecarregado com exemplares, eles poderiam ser removidos pelos sacerdotes, depositados em fossas sagradas, ou quebrados e enterrados para que não pudessem ser reaproveitados por outras pessoas (Higgins 1969: 7-8). As peças chegaram a cumprir um fim mais estético e não sagrado, principalmente no período helenístico, embora suas funções funerária e votiva jamais tenham desaparecido por completo.

A coroplastia na Sicília

A distinção entre a produção local e as importações jônicas é um primeiro desafio no estudo das terracotas sicilianas. Nesse sentido, a análise da cor e da composição da pasta podem ajudar nessa tarefa. Por outro lado, os solos nas diferentes regiões da Sicília são muito similares e os estilos também se assemelham, sobretudo nas regiões de influência das *apoikiai* de Agrigento, Gela, Selinonte e Siracusa (Hirata 1986: 13-14). As importações ródias são muito comuns na região de Gela e Agrigento e, muitas vezes, a análise comparativa do estilo vem sendo utilizada em conjunto para a identificação da matéria prima.

Ainda nos anos 1940, Van Ufford (1941, *apud* Hirata 1986: 14) organizou o conjunto da produção de estatuetas da Sicília em cinco grupos, e essa classificação geral ainda permanece válida em suas linhas gerais.

Tipos mais antigos de origens peloponésia

Essas estatuetas datam, em grande parte, da metade do século VI a.C. O estilo chamado “dedálico” se destaca pela presença de um manto cobrindo os ombros e penteado que enquadra a testa, com ornamentos. Exemplares semelhantes foram encontrados no santuário de Ártemis *Orthia* na região do Peloponeso da Grécia. As peças mais antigas representam figuras femininas cujo corpo é formado por apenas uma placa de argila, dobradas para dar a impressão de estarem sentadas, a cabeça é modelada, com o pescoço ornado com vários

colares ou faixas presas nos ombros por fibulas (Hirata 1986: 15-16).

Tipos de proveniência jônica

As “Core samianas”, como são chamadas, chegaram na Sicília entre 530-520 a.C. São estatuetas femininas de pé, vestidas com *quítion* e *himátio*, frequentemente segurando um pássaro com a mão esquerda e uma ponta do *quítion* com a direita. A partir de 525 a.C., a posição das mãos se inverte. Em Selinonte é possível encontrar exemplares nos quais foram afixados um *polos* ou um *stephane a posteriori* (Hirata 1986: 15-16).

Também podemos encontrar “a deusa ródia sentada”, abundante em Rodas, cujo desenvolvimento é contemporâneo às “Core samianas”:

As estatuetas figuram mulheres sentadas em um trono, os braços estreitados junto ao corpo, e as mãos apoiadas sobre o joelho, às vezes a cabeça e os ombros são cobertos por um manto longo cujas extremidades chegam aos joelhos e são presas sob as mãos; outras tem apenas um véu sobre a cabeça e em uma série semelhante às anteriores surge o polos acompanhado do manto ou véu (Hirata 1986: 17).

O tipo “deusa ródia sentada” – em geral com o *polos*, adereço na cabeça – permaneceu sem grandes mudança morfológicas por muito tempo em comparação com as “Core samianas”, e uma possível explicação é que o primeiro tipo seria a representação de uma divindade e, assim, o conservadorismo formal atuaria como uma forma de preservar os princípios religiosos presentes na estatueta. Já a “Core samiana”, como poderia estar figurando um devoto, não estaria tão presa à preservação estilística (Hirata 1986: 18).



Fig. 2. Peça proveniente de Selinonte e datando dos séculos VI-V a.C. Mede 7,9 cm de altura.

Fonte: Acervo do MAE-USP (Foto do autor).



Fig. 3. Estatuetas da “deusa ródia sentada” provenientes de Rodes. Em relação à altura, B202 mede 23cm; B204 mede 13,5 cm; B205 mede 18,8 cm; B203 mede 19 cm. Todas datam dentre 520 a 510 a.C.

Fonte: Mollard-Besques (1954: 36).



Fig. 4. Estatuetas da “deusa ródia sentada” provenientes de Rodes, medindo de altura 14,5 cm, 13 cm e 13 cm. Datando do século VI a.C. tardio.

Fonte: Higgins (1969: 13).

Na coleção de terracotas do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, temos uma estatueta com a representação da “deusa ródia sentada” (Fig. 5) proveniente de Selinonte, e datada do século VI a.C.



Fig. 5. Tipo “deusa ródia sentada”, possivelmente foi fabricada com um molde bastante usado, apresenta os traços do rosto e do corpo bastante apagados; está ornada com um alto polos cilíndrico, de onde desce um longo véu sobre os ombros. 64/11.33. Mede 16 cm de altura.

Fonte: Acervo do MAE-USP. (Foto do autor)

Temos também os prótomos em terracota, que são representações de rostos femininos produzidos, em geral, pela técnica da estampagem, e apresentam variações grandes de tamanho que partem de exemplares pequenos de cerca de 8 a 10 cm até produtos que chegam a atingir 50 cm.



Fig. 6. Prótono feminino em terracota medindo 13 cm de altura, proveniente de Gela. Datando do século V a.C.

Fonte: Higgins (1969: 154).

O esquema iconográfico básico incorpora um véu que cobre a cabeça, desce sob a forma de duas faixas laterais e paralelas que reforçam a região do pescoço terminando junto aos ombros. Variações deste tipo original combinam com a presença da stephane, ou do polos com brincos, colares, por vezes visíveis na frente ou junto às orelhas (Hirata 1992: 49).

Os prótomos femininos, de origem jônica, são comuns na Sicília: foram encontrados

em Mégara Hibleia, Selinonte, Grammichele, Camarina, Palma de Montechiaro, Agrigento e Gela.

Christian Sørensen Blinkenberg trabalhou no Museu Nacional Dinamarquês juntamente com o arqueólogo Karl Frederik Kinch, e também liderou escavações em Lindos e achou a chamada “Crônica do Templo Lindio”, que comentaremos mais à frente. Blinkenberg defende que na ilha de Rodas temos os exemplares mais antigos e que datariam da segunda metade do século VI a.C. e não ultrapassariam 30 cm (Hirata 1986: 18-20). Alguns possuíam orifícios na parte superior para serem pendurados.

No mundo heleno os primeiros prótomos são datados da segunda metade do século VI a.C., em contextos votivo e funerário, sendo difundidos por todo o Mediterrâneo e o Mar Negro já no fim do mesmo século. Eles são frequentes como oferendas votivas dedicadas a divindades femininas como Ártemis em Tasos, Hera em Delos e Afrodite em Argos. A presença deles também é atestada em sepulturas de Samos, Tera, Delos e regiões da Beócia e Fócida (Hirata 1986: 181-182, 184).

Tipos mais recentes com influência peloponesia

Datados do fim do século VI a.C. eles podem ser divididos em três grupos. O 1º grupo é a das figurinhas de pé de “estilo coríntio”, pequenas terracotas planas vestindo um *quítion* e um *kolpos*, que desce pelos quadris até os joelhos, alguns têm na mão direita um porco, corça, pássaros ou frutos; aparecem em Mégara Hibleia, Siracusa e Camarina. O 2º grupo é o de figuras com “manto em xale”, são estatuetas com os braços juntos ao corpo e as mãos juntas às coxas, ornadas com *polos*; objetos comuns em Selinonte. O 3º grupo apresenta figuras com *quítion* segurando um porquinho, frequentes na *apoikia* coríntia de Corfú, na Sicília há muitos exemplares originários de Gela, Camarina, Grammichele e Agrigento (Hirata 1986: 21-22).

Tipo siciliano inspirado na Jônia

Destacamos aqui a categoria “Atena Lindia”, estatuetas com o corpo retangular, algumas sem a indicação dos braços, a cabeça normalmente é ornada com um *polos* ou um véu, muitos exemplares ostentam colares. Blinkenberg propõe que essas estatuetas seriam cópias siciliotas da antiga imagem de culto do santuário de Atena Lindia em Lindos, na ilha de Rodas. Contudo, não é unanimidade e exporemos o debate mais adiante. Elas datariam do final do século VI a.C. ou início do século V a.C. Possuem uma ocorrência grande em Gela, Selinonte e Agrigento (Hirata 1986: 23).



Fig. 7. Estatueta feminina sentada em pequeno tronco ornada com *polos*, e colar com esferas. 64/4.5. Mede 14,4 cm de altura

Fonte: Acervo do MAE-USP (Foto do autor).

Tipos provenientes do Sul da Itália

Aqui temos as chamadas “figurinhas de madeira”, nelas não há indicação precisa das formas do corpo, que pode ser plano ou maciço, os braços podem ser colados ao corpo ou embutidos e posicionados para frente. A característica distintiva é o *apoptygma*, grande dobra do *peplos* presa na cintura, que cobre os braços como um manto. Também temos um grupo conhecido como “figurinhas de Medma”, que são representações de mulheres sentadas, usando um *quiton*, um *kolpos* e um manto sobre os ombros, elas seguram nas mãos diversos tipos de oferendas, flores, frutos ou um fiala; a cabeça é sempre ornada com um *polos* ou um *stephane*; elas datam da primeira metade do século V a.C. e aparecem muito em Selinonte (Hirata 1986: 24-26).

A seguir, buscamos identificar, pela análise da frequência de ocorrência e locais de achados preferenciais de estatuetas e prótomos em terracota em Lindos e Gela, – *apoikia* estabelecida na costa meridional da Sicília –, as eventuais mudanças que se seguem ao contato entre os recém-chegados e as populações locais. Embora não exista nenhum tipo de relação de submissão política e/ou econômica da *apoikia* em relação às áreas de origem, o que se constata é uma continuidade em relação a certos cultos e, ao mesmo tempo, o surgimento de práticas religiosas originais que podem ser uma resposta a uma situação nova e uma forma de afirmação da identidade da comunidade que está se estruturando.

Passemos agora a uma rápida contextualização e caracterização de Gela e Lindos, pólis localizadas na ilha de Rodas. Tanto a construção quanto as mudanças nas duas sociedades ecoam na forma como seus moradores vão lidar com o sagrado, os deuses e pode também interferir no que é depositado para cada divindade.

Lindos

A ilha de Rodas possui 1412 km² de extensão, com um território bastante montanhoso, com planícies costeiras e pouca terra arável. O clima é ameno e a vegetação abundante, devido a uma taxa muito elevada de luz do sol e umidade expressiva, superior a muitas ilhas do Egeu, sendo possível a agricultura (Tataki 1980: 7). Homero menciona que três cidades ródias enviaram navios para apoiar Menelau na Guerra de Troia: Lindos, Ialissos e Camiros (Homero 2016: 2654-2656).

Lindos contava com algo ao redor de 790 km², onde estavam situados vários assentamentos. Durante o primeiro decênio do século XX houve várias escavações na acrópole de Lindos, dirigidas por Kinch e Blinkenberg, que encontraram vestígios do antigo santuário, assim como inúmeros objetos votivos, dentre eles, algumas estatuetas de terracota (Blinkenberg & Kinch 1931: 4).

A região de Lindos teria sido ocupada desde o Neolítico (2500-2000 a.C.). Foram encontrados poucos achados micênicos. No período geométrico, os dórios teriam conquistado a comunidade dando, contudo, continuidade a alguns espaços já bem estabelecidos, como os sagrados (Karouzos 1973: 108). A “Crônica do Templo Lindio”⁴ conta que a cidade fora sitiada em 490 a.C. por uma força persa; o cerco foi malsucedido e terminou com a conclusão de um tratado (Hansen & Nielsen, 2004: 1203).

Passemos, agora, a detalhar como eram organizados os espaços sagrados e relacionar o material votivo aí encontrado, com especial atenção para as estatuetas de terracota e os prótomos.

4 A “Crônica do Templo Lindio”, originalmente ficava no santuário de Atena, na acrópole de Lindos; trata-se de uma inscrição incomum. Seu texto longo, mas não totalmente preservado, lista dedicatórias para a deusa feitas por pessoas míticas e históricas; essa lista é seguida por três histórias, cada uma narrando uma aparição (epifania) da deusa durante um período de angústia cívica na cidade. Blinkenberg apresentou a primeira edição do texto na obra *Die lindische Tempelchronik*, em 1923.



Fig. 8. A ilha de Rodes
Fonte: Hirata (1986: mapa 2).



Fig. 9. Destaque para os principais sítios de Rodes
Fonte: Hirata (1986: mapa 2a).

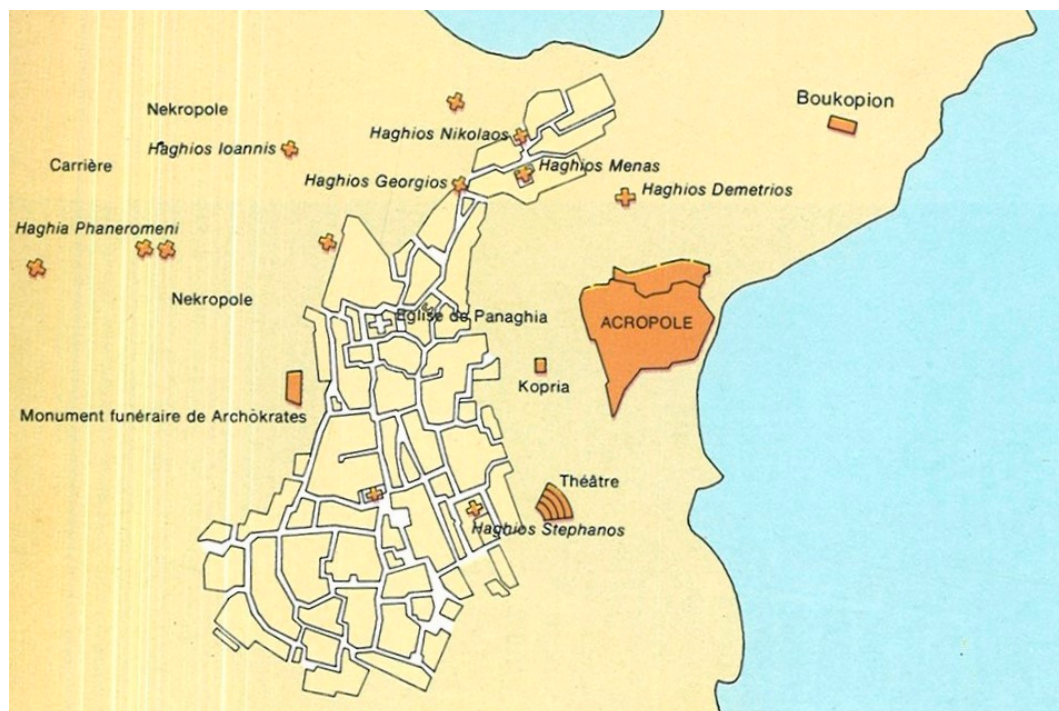


Fig. 10. Mapa atual de Lindos com destaque para a acrópole e os locais antigos
Fonte: Tataki (1980: 40).

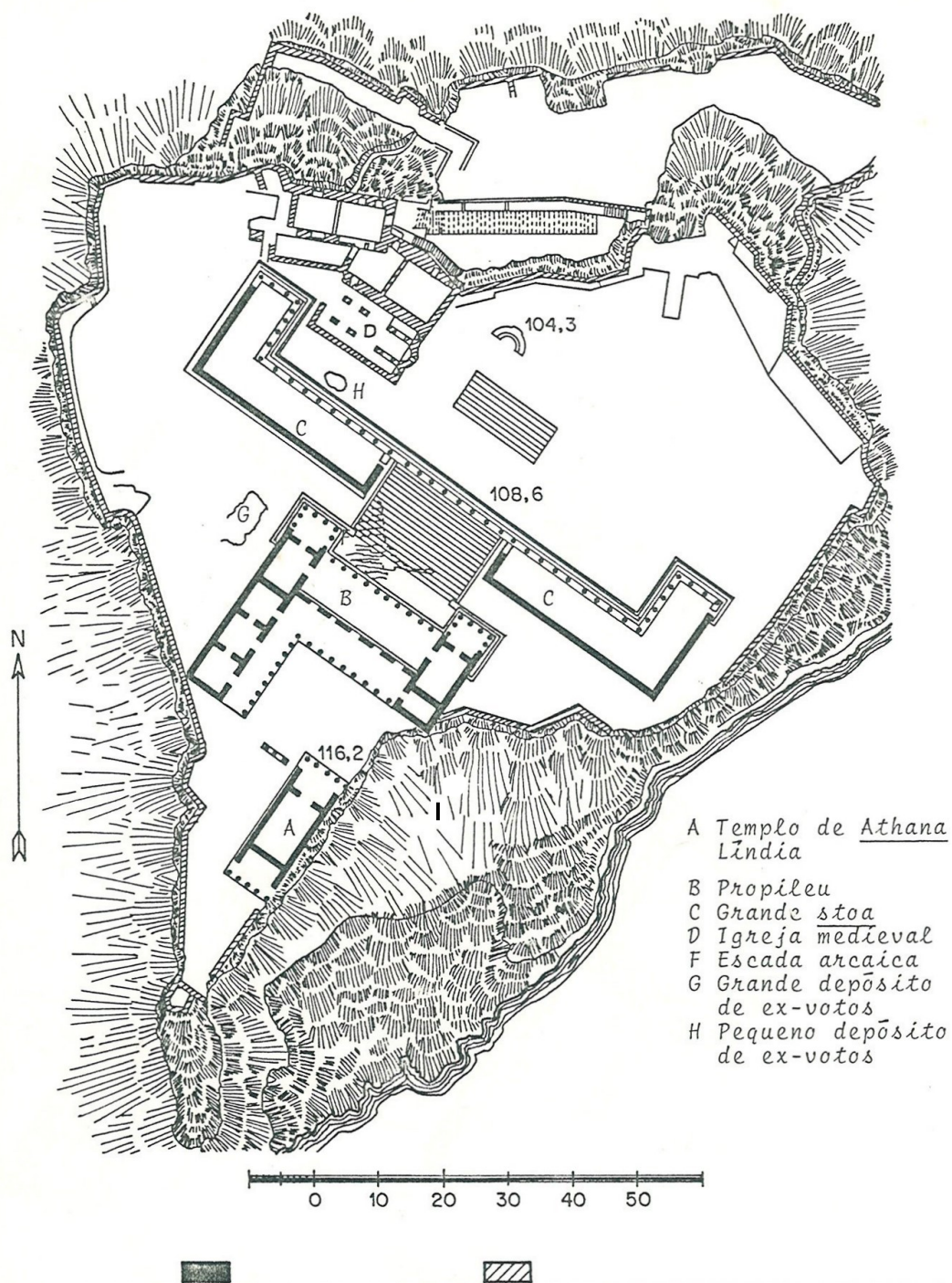


Fig. 11. Planimetria do santuário de Atena na acrópole Lindia
Fonte: Hirata (1986: mapa 5a).

O templo dedicado a Atena Lúndia, situado na acrópole, figura como um dos espaços mais importantes da cidade, e também da ilha de Rodas. Pela análise da documentação arqueológica, o culto remonta ao século VIII a.C.; o mais antigo edifício conhecido é do século VI a.C., mas sua forma atual é helenística. O templo arcaico teria sido destruído pelo fogo e reconstruído no século IV a.C. e seguido um plano semelhante, porém com a adição de um propileu monumental (Hansen & Nielsen 2004: 1203-1204). Note-se que Atena Lúndia era tradicionalmente cultuada com sacrifícios em que o fogo não estava presente (Karouzos, 1973: 117; Stillwell, Macdonald & Mcallister 1976: 757). Depois do incêndio a deusa teria ganhado uma nova imagem de culto. A divindade figuraria de pé, guardando na mão direita um fíala, vaso geralmente em bronze, frequentemente usado em rituais e libações, comum em santuários; enquanto a mão esquerda segurava a borda de um escudo; na cabeça, um adorno semelhante a um *polos* e colares (Karouzos, 1973: 111). Os atributos bélicos, como o escudo, já se mostravam presentes, sugerindo seu caráter de protetora da cidade.

Blinkenberg & Kinch (1931: 677) defendem a hipótese de que algumas estatuetas de terracota representariam uma nova imagem de culto que teria sido colocada no templo após a reconstrução do século IV a.C., uma vez que a anterior deveria ser em madeira e não resistira ao incêndio. A representação mais antiga seria da deusa sentada, decorada com um *polos* e vários colares ou adornos peitorais em ouro, contudo, sem armas, guardando alguma semelhança com a antiga estátua de madeira da Acrópole de Atenas, cuja aparência geral é conhecida por meio de documentos epigráficos, da literatura, e pela decoração de vasos cerâmicos. Nenhuma estatueta de terracota análoga a essa descrição foi encontrada até o momento nas cercanias do santuário de Lindos. Dentre os exemplares em terracota dedicados nos séculos VI e V a.C. as poucas representações de Atena não se assemelham ao que teria sido a antiga imagem de culto arcaica (Blinkenberg & Kinch 1931: 15).

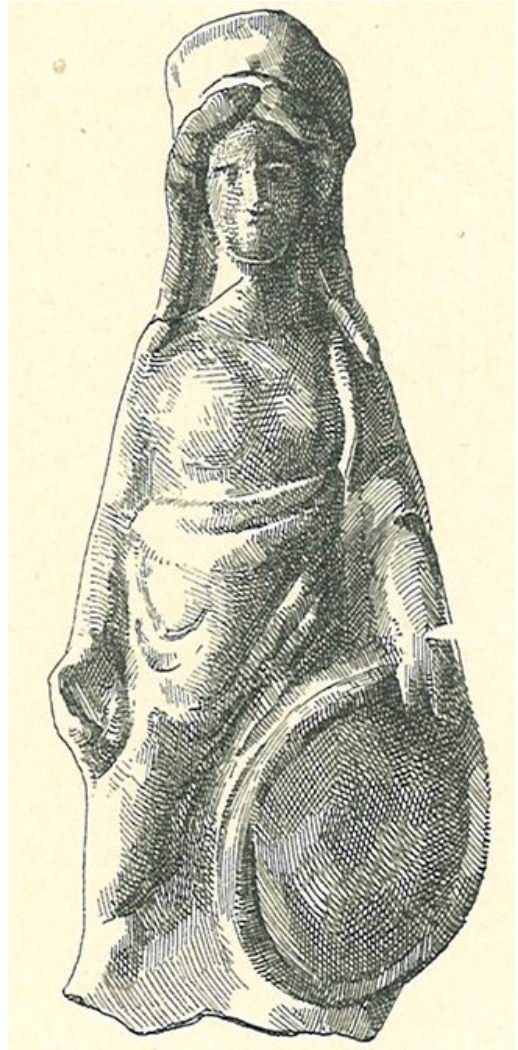


Fig. 12. Estatueta de terracota, catalogada como sendo de Atena, medindo 10 cm. Encontrada em um depósito votivo na acrópole de Lindos. Datando de época posterior ao século IV a.C.

Fonte: Blinkenberg & Kinch (1931: 133).

Os depósitos mais significativos estão sinalizados pelas letras G, H na Fig. 11. Foram recuperados objetos datados dentre 500 e 425 a.C., como fibulas; adornos em pedra, vidro e bronze; broches; material bélico na forma de elmos, lanças, setas e pontas de flechas; estatuetas cipriotas em calcário, terracotas variadas. Os artefatos anteriores ao século VI a.C. são menos numerosos, como espelhos, instrumentos de música,

pedaços de joias, pesos, anéis, vasos de bronze, cerâmica grega arcaica, faiança egípcia, fragmentos de estátuas e ex-votos em miniatura (Blinkenberg & Kinch, 1931: 52-55).

Foi encontrada uma grande quantidade de prótomos no depósito H. A dedicação deles à Atena Lindia se mantém contínua desde o século VI até o século III a.C. Havia também, em pequena quantidade, objetos datados do século III a.C. (Hirata 1986: 181-182, 184). Esse depósito menor ainda continha estatuetas de terracota, partes de um instrumento musical de sopro e fragmentos de mármore (Blinkenberg & Kinch, 1931: 55-56). Como afirma Hirata (1992: 50),

mais de seiscentos exemplares, integrando um depósito vizinho ao templo de Atena Lindia, na acrópole (Blinkenberg, 1931, 23-37, prs.114 a 120). A estes, somam-se cerca de 160, localizados nos arredores de Lindos. A par deste conjunto, numericamente tão significativo, vários prótomos foram descobertos, na mesma época, tanto na fávissa do Heraion de Delos (Laumonnier, 1956) quanto na necrópole de Samos.



Fig. 13. Estatuetas femininas semelhantes ao tipo “deusa ródia sentada” medindo 13,4 x 4,05 cm e 13,8 x 5,2 cm. Advindas do depósito G. Datando dentre 500-425 a.C.

Fonte: Blinkenberg & Kinch (1931: 96).

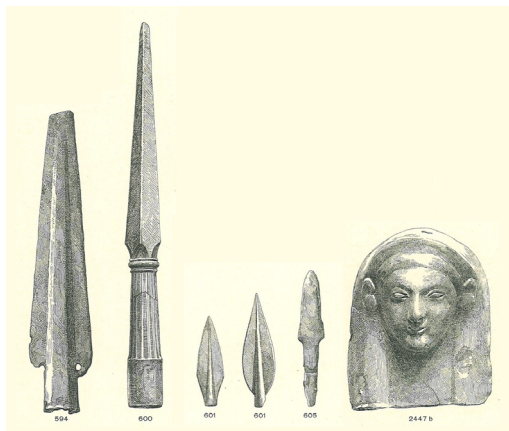


Fig. 14. Pontas de lança em bronze medindo 22 x 4,5 cm e 27,7 x 3,6 cm; pontas de flechas em bronze medindo 4,95 x 1,5 cm, 6,3 x 1,5 cm, 7,5 x 1,35 cm; prótomo feminino em terracota medindo 9,7 x 7,9 cm. Todos os objetos advindos do depósito G datando dentre 500-425 a.C.

Fonte: Blinkenberg & Kinch (1931: 23, 114).



Fig. 15. Estatueta de terracota da deusa Atena sentada em um trono com altura de 14,3 cm de altura; cabeça de Atena em terracota com altura de 5,2 cm; cabeça de Atena em terracota com altura de 3,8 cm. Todos os objetos advindos do depósito G datando de 500 até 425 a.C.

Fonte: Blinkenberg & Kinch (1931: 109).

Na necrópole do sítio de Fikellura também foram encontradas estatuetas e prótomos de terracota. Por volta de 300 sepulturas, datadas entre 510-410 a.C., foram escavadas, 50 delas possuíam estatuetas e/ou prótomos de terracota dentre os objetos que compunham o mobiliário funerário, em 11 tumbas foram registrados prótomos (Hirata 1992: 54).



Fig. 16. Estatueta de terracota, catalogada como sendo de Atena, medindo 15 cm de altura; Estatueta de terracota, catalogada também como sendo de Atena, medindo 16,5 x 4,95 cm. Encontradas em um depósito votivo na acrópole de Lindos. Datando de época posterior ao século IV a.C.

Fonte: Blinkenberg & Kinch (1931: 133).

De modo geral, a influência ática em Rodes pode ser estimada a partir do século IV a.C., o que pode ter influenciado a produção de estatuetas de terracota com atributos mais ligados ao caráter bélico da deusa, como o escudo (Hirata 1986: 59-60).

Gela

Tucidides (2001: 356-357) afirma que a fundação de Gela foi realizada por dois *oikistai*: Antífemo de Rodes e Êntimo de Creta, e a acrópole da fundação teria sido chamada de *Lindioi*, termo que poderia ser uma referência a

Lindos, cidade ródia de onde teria vindo parte significativa do contingente de pessoas.

A ocupação da área remontaria ao segundo milênio a.C., há vestígios de assentamentos sicanos da Idade do Bronze (Hansen & Nielsen 2004: 192; Stillwell, Macdonald & Mcallister 1976: 346).

A acrópole da cidade fica no platô a leste e possui santuários que remontam ao século VII a.C. O templo monumental do século VI a.C. foi substituído por outro no século V a.C. localizado mais a leste. A maior divindade do santuário era Atena Lindia (Hansen & Nielsen, 2004: 194). No século V a.C., as propriedades rurais já se espalhavam por toda a *khóra*. As relações com os indígenas variavam desde trocas até a disputa bélica. Em Licata, que era um centro siculo da costa oeste, foram encontradas estatuetas do século VI a.C. do tipo jônica, “a deusa ródia sentada”, e prótomos femininos com traços da produção ródia (Hirata 1986: 44).

Observemos, agora, como estavam organizados os espaços sagrados e o material votivo encontrado pelas escavações, especialmente as estatuetas e prótomos, como e, eventualmente, a quem eram oferecidos, assim como suas características.

O santuário de Atena Lindia está situado na extremidade oriental da colina da acrópole, na área denominada Molino a Vento, na plataforma com vista para o mar e para a foz do rio Gelas. Do depósito do edifício sacro protoarcaico provêm materiais datados dos séculos VIII e VII a.C., como fragmentos de cerâmica do tardo-geométrico ródio e aríbalos protocoríntios. Com relação à fase mais arcaica, está relacionado o depósito votivo do Templo B. Dele provêm materiais como cerâmica, estatuetas de terracota, figurando uma divindade feminina entronizada com *polos* e colares presos com grandes fivelas, fragmentos de *bucchero* etrusco, terracota arquitetônica e bronze, que datam do século VII a.C. até a primeira metade do século VI a.C.; entre os achados destacamos uma cabeça de coruja em terracota (8 x 5 cm) associada ao culto da deusa de olhos glaucos; igualmente útil para a atribuição do culto temos também um

fragmento de pitos, de grandes dimensões, com uma dedicatória à Atena, uma cabeça de argila representando a deusa com um *lofos* e um jarro ático de fundo branco (480-470 a.C.) com a representação de uma coruja com um ramo de oliveira. No quarteirão timoleontano, na área do edifício sacro arcaico do primeiro terraço, foram encontrados fragmentos de antefixos, figuras femininas em argila e cerâmica pintada. No sul dos edifícios E C havia um depósito votivo com armas de ferro (lanças e punhais), jarros e terracotas datando dentre os séculos VII e VI a.C. (Veronese 2006: 375-376).

Há outra área sagrada situada em Carrubazza, externa às muralhas arcaicas,

na encosta noroeste da acrópole, à vista dos *campi* Geloí. A construção do edifício sacro remonta ao século VI a.C., no entanto, é possível que o local anteriormente abrigasse cultos ao ar livre; acredita-se que o espaço sagrado fora mantido até o abandono da cidade em 282 a.C. (ataque dos mercenários mamertinos). Não é certeza que a titularidade cabia a Atena, pois os atributos das estatuetas, típicos das divindades ctônicas (porquinho e pomba), indicam que o edifício sagrado poderia ter sido dedicado a Deméter e Core, no entanto, uma estatueta de terracota de Atena *Promachos* (século V a.C.) não exclui a dedicação a Palas (Veronese 2006: 385).

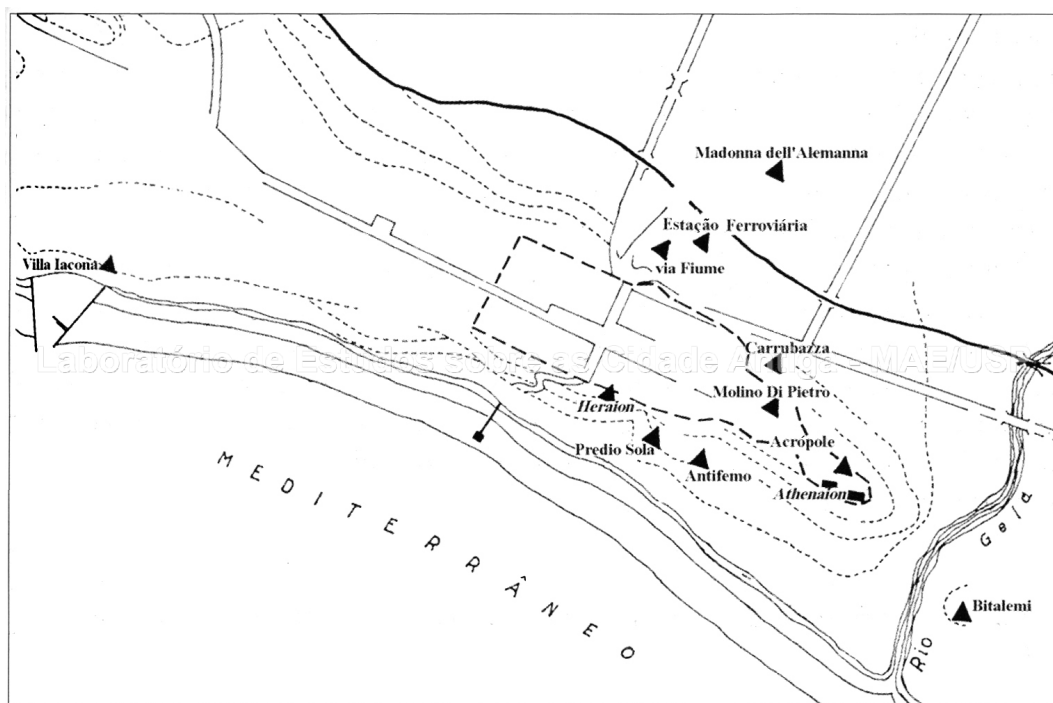


Fig. 17. Planimetria geral de Gela
Fonte: Veronese (2006: 377).



Fig. 18. Estatueta catalogada como sendo do tipo Atena Lindia, medindo altura 20 cm de altura. Datada do século V a.C.

Fonte: Higgins (1969: 151-152).



Fig. 20. Prótomo feminino com altura de 13 cm. Datando do século V a.C.

Fonte: Higgins (1969: 152).



Fig. 19. Estatueta catalogada como sendo do tipo Atena Lindia, medindo 21 cm de altura. Datada do século V a.C.

Fonte: Higgins (1969: 152).

Na Sicília os prótomos femininos são quase que exclusivamente encontrados em espaços sagrados dedicados a Deméter e Core. Sendo bem documentados em Gela, Agrigento, Selinonte, Morgantina, Siracusa e em seus territórios de influência no interior da ilha. Em Gela eles não aparecem nas necrópoles já escavadas nem nos santuários de Atena Lindia na acrópole. Sua presença é atestada de forma expressiva em pequenos santuários, de construção mais simples ou ao ar livre, em espaços extraurbanos, mesmo nos limites da *khóra* gelense e em centros sicanos-sículos de contato com os gregos. Os exemplares encontrados são provenientes dos santuários de Deméter e Core e sua presença sempre está associada a outras oferendas votivas típicas das Duas Deusas, por exemplo: lamparinas de terracota, hídrias, estatuetas femininas segurando um porquinho e órgãos sexuais (Hirata 1986:180-181; Hirata 1992: 51).

Considerações finais: os problemas de interpretação da materialidade do sagrado

A maior parte das terracotas presentes nos catálogos consultados encontram-se sem o devido registro do contexto de achado: tanto as do Museu do Louvre (Mollard-Besques 1954) quanto as do Museu Britânico (Higgins 1969). O mesmo acontece com as terracotas presentes na coleção do MAE-USP, advindas de museus italianos, e que foram recolhidas em escavações arqueológicas antigas, do século XIX e do início do século XX, quando os procedimentos científicos de registro ainda não eram a norma. A ausência da descrição sobre a posição e o local onde o objeto fora encontrado torna o desafio da interpretação um pouco maior, inviabilizando alguns dos passos elencados por Renfrew, complementados por Tabone e sistematizados por Custodio. Contudo, por se tratar de um tipo de artefato bastante estudado, por possuímos estudos e informações mais profícuos de outros exemplares encontrados, por exemplo, em contexto sagrado, podemos avançar e propor alguns caminhos tanto para as estatuetas como para os prótomos.

A terracota chamada por Blinkenberg de Atena (ou *Athana* no dialeto dórico) Líndia difere bastante do modelo ateniense de representação da deusa, seja nas moedas, na estatuária e na cerâmica. No caso da Atena Líndia trata-se de uma figura feminina sentada em um trono, ornada na cabeça com um *polos* e no peito com numerosos colares presos nos ombros por fibulas. Essa estatueta se insere tipologicamente em uma grande categoria denominada por Martine Dewailly (1992: 134-135, 153-157) como “estatuetas com ornamentos” e que aparecem na Sicília principalmente em três sítios: Agrigento (possível lugar de origem do tipo), Gela e Selinonte.

Blinkenberg sugere que elas seriam inspiradas na imagem de culto de Atena presente em Lindos. Apesar de ser uma hipótese relativamente aceita, tanto que o tipo passou a ser chamado na bibliografia por “Atena Líndia”, ela não é uma unanimidade e possui fragilidades.

O argumento do pesquisador se baseia em um achado de Agrigento, *apoikia* fundada por gelenses, de uma estatueta que possuía colares e ostentava um *gorgoneion*, atributo imagético tipicamente associado com Atena, por conta de sua atuação no mito de Perseus, no qual o herói decapita a górgona Medusa e oferece sua cabeça a Palas. Contudo esse artefato hoje possui uma localização desconhecida, só o que restou foi um desenho de como ele teria sido, mas infelizmente nenhuma foto (Hirata 1986: 59).

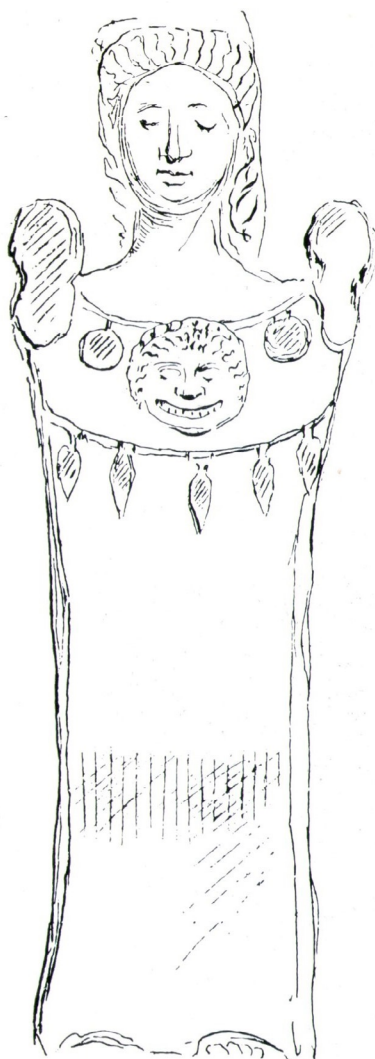


Fig. 21. Desenho de uma terracota, hoje perdida, de Agrigento

Fonte: Zuntz (1971: 15).

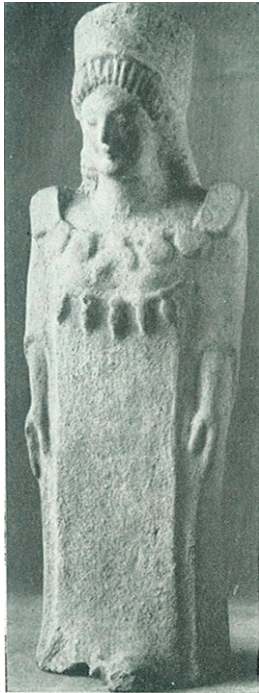


Fig. 22. Estatueta de terracota proveniente de Agrigento, com 34 cm altura. Datada do século VI a.C.
Fonte: Mollard-Besques (1954: 58)



Fig. 23. Estatueta de terracota proveniente de Agrigento, com 23,5 cm de altura. Datada do século VI a.C.
Fonte: Mollard-Besques (1954: 58).



Fig. 24. Estatueta de Atena, proveniente e Gela
Fonte: Zuntz (1971: 16).

Em Gela foram encontradas estatuetas femininas com características gerais muito próximas às das Atena Lindia já no século VI a.C., contudo como carecem de informações sobre o contexto de achado e também de inscrições, seria apressado atribuí-las à deusa de forma taxativa. A influência ática, na qual o *gorgoneion* é mais comum, em Gela pode ser percebida desde o século VI a.C., já em Rodes essa presença ática é visível apenas no século IV a.C. No santuário de Lindos, em Rodes, não foram encontradas estatuetas semelhantes às Atena Lindia até o presente momento (Hirata 1986: 59-60). Gunter Zuntz (1971) usa justamente essa ausência em Lindos para relativizar a atribuição feita por Blinkenberg. É uma ponderação legítima e necessária. Mesmo que, de fato se tratasse de uma representação da divindade, não é obrigatório que tenha sido inspirada na imagem de culto da cidade fundadora.

Na Fig. 24 temos a fotografia de uma estatueta representando uma figura feminina sentada em posição hierática, em um trono com apoio para os pés, ostentando um *polos*, cabelos bem detalhados e ondulados, as mãos junto ao corpo, portando a égide com um *gorgoneion*. O objeto foi encontrado em 1961 por Piero Orlandini, sendo tomado, na época, como prova da teoria de Blinkenberg. Zuntz (1971: 399, 116-118), após cuidadosa investigação, concluiu que o *gorgoneion* fora colocado *a posteriori*, não sendo parte integrante do molde original, o que poderia significar que a estatueta em si não era uma peça modelada para ser especificamente Atena. Nada impediria que o esquema da figura feminina sentada fosse utilizado para representar qualquer divindade feminina, podendo ser consagrada em um santuário de alguma outra deusa do panteão grego. Porém, ao incluir um atributo específico de uma divindade, no caso da deusa de olhos glaucos, a górgona, o que era geral se tornara sugestivamente singular, por uma escolha do artesão. Zuntz critica a proposta sobre a inspiração na imagem de culto de Lindos, uma vez que na ilha de Rodas, até então, nenhuma estatueta fora encontrada e não há referências sólidas de como era essa imagem arcaica.

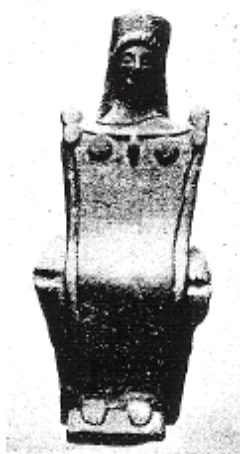


Fig. 25. Estatueta de argila do tipo Atena Lindia. Encontrada em Bitalemi
Fonte: Kron (1992: 628 *apud* Tabone, 2012, p. 136).

A possibilidade das estatuetas de Atena Lindia serem objetos que poderiam ser dedicados em espaços sagrados de divindades femininas no geral e não uma exclusividade de Atena é reforçada por outro achado encontrado em Bitalemi (Fig 25), no espaço sagrado dedicado a Deméter. Só porque com o tempo a predileção pode ter se tornado por oferecê-las, preferencialmente para Atena, não significa que desde sempre a dinâmica fora essa.

Estatuetas do tipo Atena Lindia também aparecem em outro local cuja consagração poderia ter sido a Deméter e Core, como é o caso de um santuário campestre na contrada de Casalicchio, a uma distância de 5 km a leste de Licata, localizado precisamente ao pé de uma colina, a sudoeste de Poggio Marcato Aginone (Veronese 200: 415-416). Nas palavras de Elaine Hirata (1986: 64-65),

sabese que do início do século VII a.C. à metade do VI a.C. as estatuetas votivas características são consideradas, não sem objeções, como de estilo dedálico e subdedálico: representações de figuras femininas de pé, braços rigidamente estendidos junto aos quadris, encontradas com grande frequência seja em Gela, como em Rodas. Por volta de 570 a.C. há uma transformação significativa com a adoção de modelos jônicos de fabricação ródia, representando divindades femininas de pé ou sentadas em um trono. A importação de terracotas desse tipo continua até pouco depois da metade do séc. VI quando, de maneira abrupta, e ao mesmo tempo, cessam as importações e tem início uma extraordinária produção local que se manterá até a destruição cartaginesa de 405 a.C.

A produção siciliota data da segunda metade do século VI a.C. e as características estilísticas gerais das estatuetas de Atena Lindia podem ser consideradas arcaizantes, sendo a forma mantida até o início do século V a.C., não absorvendo os avanços da coroplastia nas representações, nem no detalhamento e nos efeitos de movimento. Não se exclui a possibilidade de ligação entre o incentivo à produção desse tipo de estatueta e da ampliação

do culto a Atena em Gela e a reconstrução do santuário de Atena Lindia em Lindos, ação desempenhada pelo tirano Cleóbulo. O tirano de Lindos estava mobilizando forças para a reforma do principal santuário da cidade como uma forma de materializar seu poder político e expandir sua influência (Hirata 1986: 66-67).

Foram encontrados pouquíssimos prótomos femininos no santuário de Atena em Gela, ao contrário do que acontece em Lindos, onde eles abundam, sendo as estatuetas do tipo Lindia que estão ausentes (Hirata 1986: 67). Entre 500 e 485 a.C., Gela passou por sucessivas tiranias, como a de Cleandro, Hipócrates e Gélon, nas quais seu poder político e militar se difundiu e se interiorizou por toda a Sicília – essa é a mesma época da reforma da acrópole e do santuário de Atena Lindia (Hirata 1986: 58).

No mundo heleno os prótomos começam a aparecer a partir do século VI a.C., em espaços funerários e votivos, porém sem ligação estrita a uma divindade específica, tanto que são oferecidos a Ártemis em Tasos, Hera em Delos e Afrodite em Argos. A presença deles também é atestada em sepulturas de Samos, Tera, Delos e regiões da Beócia e da Fócida. Na Sicília temos uma situação singular: eles se concentraram quase que exclusivamente em espaços sagrados dedicados a Deméter e Core.

Existe a hipótese, defendida pela professora Hirata, de que a associação desses objetos de terracota ao culto de Deméter e Core possa ter sido deliberada, uma vez que ele já não era mais apenas um culto familiar dos Deinomênidas e era incentivado na sociedade, talvez com um papel fundamental no processo de crescimento da *apoikia*. O culto pode ter sido usado para ampliar a interlocução dos gregos com os indígenas, ou mesmo dos tiranos de Gela, Agrigento e Siracusa, com outras camadas da sociedade (Hirata 1986: 182-183; Hirata 1992: 54).

O santuário de Atena Lindia em Gela data do final do século VIII a.C., nesse momento, os prótomos não eram produzidos em Lindos, sendo documentados somente a partir do século VI a.C., mesmo período em que a *apoikia* gelense se expandia para o interior da ilha,

com a multiplicação de centros de culto extraurbanos ou próximos a centros indígenas. Em Licata, temos a presença de estatuetas de terracota do tipo jônica, “a deusa ródia sentada” e prótomos femininos com traços da produção ródia do século VI a.C. Espaços sagrados eram muito importantes não só para trocas comerciais, mas também para a negociação entre comunidades diferentes e ratificação de acordos e tratados.

Em Lindos e Gela foram dedicadas armas como pontas de lança e flechas, além de espadas e escudos. Palas era a deusa da guerra, contudo, nos dois contextos há algumas nuances, na Sicília a ligação com uma possível divindade lindia mais antiga, ligada à proteção da natureza e dos animais, cultuada nos bosques com bolos, bebidas e frutas, praticamente não existia ou rapidamente se perdeu. O contexto de conflitos entre as *apoikiai* cartagineses e os indígenas pode ter colaborado para um reforço do atributo bélico de Atena na Sicília, sobretudo em seus aspectos de proteção, guerra e patrona da vitória.

Os prótomos, que aparecem em contexto funerário e nos santuários de Atena Lindia em Lindos e exclusivamente ligados a Deméter e Core na Sicília, demonstram como a religião grega é diversificada tanto no espaço quanto no tempo, assim como uma análise contextual e regional se faz necessária, levando-se em conta as escavações em diferentes espaços, sejam eles sagrados, funerários e domésticos. A relação entre as diferentes cidades e o momento histórico vivido por elas certamente influenciou na escolha da adoração dessa ou daquela divindade.

Dewailly (1992) mostra como em espaços de influência de Selinonte os tipos “estatuetas femininas com ornamentos”, tradicionalmente chamados de “Atena Lindia”, predominaram em locais sagrados das Duas Deusas e nas necrópoles. Em Gela foi encontrado um exemplar com acréscimo de *gorgoneion a posteriori*, mas isso não significa que ele teria sido inspirado na imagem de culto da metrópole de Lindos, nem que desde o início essas terracotas tivessem sido escolhidas para cultuar Atena exclusivamente, visto que elas também aparecem nos espaços extraurbanos consagrados a Deméter e Core e em centros

indígenas vinculados à divindades ctônicas. Poderia tratar-se de uma estatueta feminina passível de ser dedicada em santuários de deusas sem a obrigatoriedade de ser ou pertencer a apenas uma.

Os materiais votivos quando analisados em conjunto e com o detalhamento de seus contextos de achado fornecem importantes informações sobre as características do culto de uma determinada divindade, sugerindo apropriações, negociações e inovações influenciadas pelos contatos culturais entre sociedades, como ocorreu entre helenos e populações locais da Sicília. A contextualização histórica aprofundada pode fundamentar novas hipóteses de trabalho assim como recentes

achados arqueológicos e as novas teorias. Neste estudo de caso, confrontamos artefatos e locais de conotação sagrada em duas áreas mediterrânicas portadoras de especificidades, mas que estabelecem relações profundas. Mesmo com todas as dúvidas que ainda persistem, concordamos com Colin Renfrew quando postula que a “arqueologia do culto” quando devidamente amparada por uma teoria e metodologia próprias pode trazer respostas que ultrapassam a questão religiosa em si. Dada a profunda simbiose entre a esfera sagrada e as práticas sociais em uma pólis, acreditamos que interrogar a materialidade sagrada pode ser um caminho seguro para a investigação da própria cidade grega antiga.

FERREIRA, F.L. Statuettes and protomes in sacred spaces of Athena, in Gela and Lindos, from the Archaic Period. *R. Museu Arq. Etn.* 35: 44-68, 2020.

Abstract: The formation of the polis was a process that took place in various movements throughout the Archaic Period, linked to the social transformations of the late Iron Age. Religion was one of the structuring elements of many of these nascent communities, and the concentration of offerings in sacred public places that would later give life to sanctuaries is well attested, to the detriment of the immobilization of wealth in sumptuous, individual or even collective tombs. From the 8th century BC onwards, we also noticed certain innovations in materiality, such as the construction of temples for sheltering the cult image, functioning as the abode of the god. The Greek expansion movement, which gained great expression in archaic times with the founding of *apoikiai* along the Mediterranean and Black seas, also collaborating for the consolidation of the polis in Balkan and Aegean Greece. The founders took with them the culture and the way of building their material world, including their gods, but the specifics of each location tended to give new outlines to religious practices. In this context, we analyzed two types of offerings, protomes and terracotta figurines, in Siciliotic foundations and their metropolises, in order to discern similarities and adaptations that indicate possible social or cultural changes in the new communities that were being formed at the time.

Keywords: Greek world; Sicily; Rhodes; Votive terracotta; Athena.

Referências bibliográficas

- Blinkenberg, C.S.; Kinch, K.F. 1931. *Lindos: Fouilles et recherches, 1902-1914*. W. de Gruyter, Berlin.
- Custodio, C. T. 2012. *Khóra e Ásty nas pólis gregas do Ocidente: o caso de Selinonte*. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Dewailly, M. 1992. *Les statuettes aux parures du sanctuaire de la malophoros à Selinonte*. Centre Jean Bérard, Naples.
- Flannery, K.V. 1994. The cultural evolution of civilizations. *Annual Review of Ecology and Systematics*, 3: 399-426.
- Hansen, M.H.; Nielsen, T.H. 2004. *The inventory of archaic and classical Greek poleis*. Oxford University Press, Oxford.
- Hawkes, C. 1954. Archaeological theory and method: some suggestions from the Old World. *American Anthropologist*, 56: 155-168.
- Higgins, R.A. 1969. *Catalogue of the terracottas in the department of Greek and Roman antiquities-British Museum*. Trustees of the British Museum, London.
- Higgins, R.A. 1963. *Greek terracotta figures*. Trustees of the British Museum, London.
- Hirata, E.F.V. 2010. *Arqueologia, religião e poder político no Ocidente Grego*. Tese de Livre Docência. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Hirata, E.F.V. 1978. *As estatuetas de terracota e a religião popular da magna Grécia e Sicília*. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Hirata, E.F.V. 1995. *Estatuetas de terracota clássicas. Cerâmicas antigas da Quinta da Boa Vista*. Catálogo de exposição. Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro.
- Hirata, E.F.V. 1992. Os prótomos femininos de Gela: uma proposta de interpretação. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 2: 49-61.
- Hirata, E.F.V. 1986. *Prótomos femininos de Gela: especificidade e função no quadro da coroplastia siciliota (séc VI-V a.C.)*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Homero. 2016. *Ilíada*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Nova Fronteira, Rio de Janeiro.
- Karouzos, C. 1973. *Rhodos, history, monuments, art*. Esperos Editions, Athens.
- Mollard-Besques, S. 1954. *Catalogue raisonné des figurines et reliefs en terre-cuite grecs, étrusques et romains*. Éditions des Musées Nationaux, Musée National du Louvre, Paris.
- Renfrew, C. (Org.). 1985. *The archaeology of cult: the sanctuary at Phylakopi*. British School of Archaeology at Athens Thames and Hudson, London.
- Renfrew, C.; Bahn, P. 1991. *Archaeology: theories, methods, and practice*. Thames and Hudson, New York.
- Stillwell, R.; Macdonald, W.L.; Mcallister, M.H. (Eds.). 1976. *The Princeton encyclopedia of classical sites*. Princeton University Press, Princeton.
- Tabone, D.A. 2012. *Paisagem sagrada e paisagem política: os espaços sagrados de Gela, Sicília – séculos VII-III a.C.* Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Tabone, D.A. 2017. Sagrado e a constituição simbólica da cultura material: perspectivas teóricas e metodológicas. In: Kesser, C.B.D.; Silva, S.C.; Campos, C.E.C. (Orgs.).

Estatuetas e prótomos em espaços sagrados de Atena, em Gela e Lindos, do Período Arcaico
R. Museu Arq. Etn., 35: 44-68, 2020.

Experiências religiosas no mundo antigo. Editora Prismas, Curitiba, 1: 105-121.

Tataki, A.B. 1980. *Rhodes, lindos, kamiros, filerimos: le palais des grands maitres et le musee*. Ekdotike Athenon, Athens.

Tucidides. 2001. *História da guerra do Peloponeso/ Tucídides*. Trad. Mario da Gama Kury. Editora Universidade de Brasília; Instituto de Pesquisa de

Relações Internacionais, Brasília; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, São Paulo.

Veronese, F. 2006. *Lo spazio e la dimensione del sacro. Santuari greci e territorio nella Sicilia arcaica*. Esedra Editrice, Padova.

Zuntz, G. 1971. *Persephone: three essays on religion and thought in Magna Graecia*. Clarendon Press, Oxford.